



a crônica de

Federico Mayor

Por uma ampliação

Neste nosso mundo em plena transformação, a alfabetização deve ser considerada por toda sociedade uma importante variável de sua evolução. De fato, quanto mais progride uma sociedade, mais necessário se torna ajustar-se e adaptar-se a exigências e pressões novas, de modo que a alfabetização permanente é uma necessidade coletiva em todas as comunidades.

Entendida em seu sentido amplo de resposta às necessidades elementares de educação, a alfabetização é o fundamento da preparação para a vida ativa, desde o aprendizado das competências básicas em matéria de comunicação oral e escrita até a aquisição da capacidade de resolver problemas científicos ou sociais. Assim, hoje a alfabetização vai muito além do aprendizado da leitura, da escrita, do cálculo e de um número limitado de competências tradicionais. É indissociável das exigências constantemente renovadas da existência em um determinado contexto sociocultural.

Por isso é essencial associar plenamente as comunidades locais à definição do conteúdo dos programas de alfabetização. As características locais da alfabetização são sumamente importantes quando se quer satisfazer às verdadeiras necessidades dos que aprendem, mas também quando se deseja considerar as realidades lingüísticas e culturais das sociedades multiculturais. Afinal de contas, só aquele que aprende é quem efetivamente decide que habilitações e conhecimentos necessita adquirir.

A passarela do multilingüismo

Constato com grande prazer que a maioria dos especialistas em alfabetização apóia essa concepção ampla, mais di-

nâmica e mais atenta às diferenças culturais. É um sinal do reconhecimento, há longo tempo aguardado, do papel positivo que as línguas e culturas locais podem desempenhar na remoção de algumas das graves barreiras nas quais os alunos freqüentemente tropeçam. Não há outra maneira de garantir a pertinência e a autenticidade do trabalho de alfabetização.

Gostaria de insistir na importância do ensino multilíngüe. Hoje, o objetivo da educação é tanto ensinar a conviver quanto ensinar a conhecer, fazer e ser. Mas como conviver quando as possibilidades de expressão são reduzidas a um único quadro lingüístico? Com freqüência essa situação está na raiz dos problemas encontrados nas sociedades multiculturais. Sem dúvida a desigualdade, sob todas as suas formas, é um importante fator. Mas não é raro os conflitos internos terem causas exclusivamente culturais. É bem mais difícil estabelecer vínculos quando os indivíduos são incapazes de se comunicar no plano lingüístico.

As crianças, porém, têm facilidade para aprender línguas — muito mais do que os adultos que tomam decisões. Deveríamos tirar disso maior proveito. Acredita-se que as crianças podem armazenar em sua "memória central" um grande número de informações — grande parte das quais, reconheçamos, sem nenhuma utilidade! Ministrar-lhes conhecimentos lingüísticos é fornecer-lhes vínculos, pontes para outras culturas. É permitir-lhes crescer sem a debilitante sensação de que as outras culturas lhes são estranhas. Cabe à Unesco empenhar-se para que a educação favoreça o multilingüismo em todos os níveis, em particular no nível da educação básica. Além disso, precisamos

"Se acreditamos de fato na educação permanente e se desejamos verdadeiramente corrigir as disparidades em matéria de educação nas sociedades, devemos fazer o possível para implantar em cada país um sistema educacional aberto e mais propício à autonomização."

dinâmica da educação

investir nessa educação, porque isso equivale a investir na paz.

Também é importante ter sempre em mente que a alfabetização não é uma técnica neutra, que se possa aplicar a todas as situações, em todas as circunstâncias, quaisquer que sejam as realidades econômicas e sociais. Uma visão tão estreita da alfabetização não capta seus decisivos efeitos como instrumento de uma maior autonomia. Para Paulo Freire, os métodos que consistem em tratar os alunos adultos como recipientes vazios a serem encheidos com conjuntos predeterminados de conhecimentos desvinculados de sua experiência social são comparáveis às técnicas bancárias. A alfabetização, se pretende oferecer uma verdadeira autonomia ao indivíduo, deve favorecer seu desenvolvimento intelectual, estimulá-lo a instruir-se e consolidar sua auto-estima.

Integrar a educação permanente

No mundo inteiro, muitos indivíduos e famílias são confrontados, no curso cotidiano de suas vidas, com mudanças imprevisíveis que subvertem seus planos para o futuro. Os serviços educativos devem satisfazer a exigências cujo número cresce vertiginosamente, em particular nos países onde o Estado é o principal provedor da educação de crianças e adultos. No mundo de hoje, não podemos permitir, por falta de visão, a efetiva exclusão dos adultos do sistema educacional, justamente no momento em que se admite que o aprendizado ao longo da vida deve ser a base das políticas educacionais.

Os programas de alfabetização devem ter a prioridade que bem merecem. A aprendizagem para todos ao longo da

vida exige bons programas de educação de adultos e alfabetização a cargo de pessoal qualificado, programas de ensino pertinentes, materiais de pós-alfabetização adequados e instrumentos didáticos apropriados. Devemos questionar se estamos realmente dispostos a efetuar suficientes investimentos em educação de adultos e alfabetização para garantir o acesso de cada indivíduo a programas que devem ser implementados para atingir os objetivos da educação para todos.

Se acreditamos de fato na educação permanente, e se estamos seriamente convencidos da necessidade de corrigir as disparidades em matéria de educação nas sociedades, devemos fazer o possível para implantar em cada país um sistema educacional aberto e mais propício à autonomização, rompendo com os conceitos do passado que só vêem na educação um parêntese na vida, entre os seis e os 20 anos, e ainda por cima apenas para alguns privilegiados. É importante criar uma sinergia entre o ensino clássico e os programas extra-escolares.

A noção de alfabetização familiar é um bom exemplo. Todos sabemos que a educação contínua dos pais, sobretudo dos iletrados ou pouco instruídos, pode contribuir muito eficazmente para o êxito escolar de seus filhos. Realmente, esse enfoque é um dos meios mais seguros de romper o círculo vicioso do analfabetismo que se transmite de geração em geração. As políticas sobre educação e formação devem considerar todos os tipos de aprendizagem, quer esta se realize na escola, no local de trabalho ou no lar. Convém diversificar os métodos e enfoques, com maiores inovações e crescente criatividade.